

JOHN JEREMIAH SULLIVAN

Pulphead

O outro lado da América

Tradução

Chico Mattoso

Daniel Pellizzari



Copyright © 2011 by John Jeremiah Sullivan
Copyright da introdução © 2011 by James Wood

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Pulphead: Dispatches from the Other Side of America

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Preparação
Silvana Afram

O texto de introdução e o ensaio “La•Hwi•Ne•Ski: a carreira de um naturalista excêntrico” foram traduzidos por Donaldson Garschagen.
O ensaio “Michael” foi traduzido por Alexandre Barbosa de Souza.

Revisão
Carmen T. S. Costa
Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sullivan, John Jeremiah
Pulphead : O outro lado da América / John Jeremiah Sullivan ; tradução Chico Mattoso, Daniel Pellizzari. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Titulo original: Pulphead : Dispatches from the Other Side of America

ISBN 978-85-359-2291-2

1. Ciências sociais 2. Cultura popular 3. Ensaios 1. Título.

13-05620

CDD-080

Índice para catálogo sistemático:
1. Ensaios : Coletâneas 080

[2013]
Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

“Efeitos da realidade”, por James Wood	13
1. Sobre este rock	23
2. Pés na fumaça	55
3. Sr. Lytle: um ensaio	64
4. Num abrigo (depois do Katrina)	83
5. Concentrando-se no que é realmente real	91
6. Michael	106
7. O último retorno de Axl Rose	120
8. Quero minha América de volta	141
9. La•Hwi•Ne•Ski: a carreira de um naturalista excêntrico	164
10. Cavernas inominadas	187
11. Bardos desconhecidos	217
12. O último Wailer	237
13. Violência dos inocentes	260

14. A casa da Peyton	288
15. Epílogo: Hey, Mickey!	307
Agradecimentos	325

1. Sobre este rock

É errado se gabar, mas no início meu plano era perfeito. Fui designado para cobrir o Festival Cross-Over em Lake of the Ozarks, no Missouri, três dias das principais bandas cristãs e seu público numa reserva isolada no Meio-Oeste. Eu ficaria num canto rabiscando anotações sobre a multidão, conversaria com algum membro aleatório do público (“O que é mais difícil — estudar em casa ou numa escola?”) e em seguida exibiria meu crachá de imprensa para ter acesso aos bastidores, onde bateria um papo com os artistas. O vocalista viria com a conversa de que toda música glorifica o Senhor quando é tocada com um espírito amoroso, e eu rabiscaria cada vírgula sorrindo por dentro. Mais tarde, naquela mesma noite, talvez bebesse escondido no meu carro alugado e depois me convidaria para me deitar ao lado da fogueira de um grupo de oração, só para fruir a camaradagem. Voar para casa, misturar umas estatísticas. Dinheiro na conta.

Mas como diz meu mantra do café da manhã, eu sou um profissional. E ninguém concede prêmios a esse tipo de superficialidade boba. Eu queria saber quem são essas pessoas que afirmam amar esse tipo de música, que dirigem centenas de quilômetros, atravessando estados, para ouvi-la ao vivo. Então surgiu minha epifania: eu iria com eles. Ou melhor, eles iriam comigo. Eu alugaria uma van bem confortável e viajaríamos juntos até o festival, eu e uns

três ou quatro fãs radicais, cruzando o caminho inteiro que separa a Costa Leste de Lake of the Ozarks e seu nome implausível. Conversaríamos noite afora, eles tentariam me converter e eu deixaria o gravadorzinho ligado o tempo todo. De algum modo acabaríamos gostando e sentindo pena uns dos outros. Que matéria isso renderia — para as gerações futuras.

A única dúvida restante era: como recrutar os voluntários? Mas isso nem chegava a ser uma dúvida, porque todo mundo sabe que criaturas problemáticas dispostas a absolutamente tudo se reúnem em “salas de chat” todas as noites. E entre o pessoal de Jesus tem muita gente totalmente transtornada. Ele preferia assim, é claro.

Então publiquei meu convite anônimo em youthontherock.com e em dois fóruns de internet dedicados à banda de pop-punk cristão bonitinho Relient K, que tinha sido anunciada para tocar no Cross-Over. Imaginei o cara ou a garota em seu quarto no sótão, sonhando em ver com os próprios olhos o pessoal do Relient K tocando a canção “Gibberish” de *Two Lefts Don’t Make a Right... But Three Do*. Mas como chegaria até lá? O preço da gasolina se recusa a baixar e Relient K nunca toca no norte da Flórida. Senhor, eu imploro, faça isso acontecer. De repente, ali estaria meu convite, como um raio de luz. Poderíamos nos ajudar mutuamente. “Estou atrás de alguns fãs dedicados de rock cristão para irem comigo ao festival”, escrevi. “Homem ou mulher, não importa, mas não pode ter mais de, digamos, 28 anos, porque estou abordando esse tema primariamente como um fenômeno jovem.”

Parecem palavras inofensivas. Mas no fim das contas eu não tinha entendido o quão “jovem” era o fenômeno. A maioria das pessoas nessas salas de chat era adolescente, e não estou falando de gente de dezenove anos. Estou falando de catorze. Alguns deles, eu estava prestes a descobrir, eram meros pré-adolescentes. Eu tinha acabado de surgir na rede mundial de computadores como quem não quer nada, convidando um bando de cristãos de doze anos para dar uma volta na minha van.

Não demorou para as crianças me atacarem. “Parabéns por esconder seu endereço de e-mail”, escreveu “mathgeek29”, usando um tom que não parecia nem um pouco cristão. “Duvido que alguém vá passar todos os dados de contato para um completo estranho na internet... Não tem nenhum adolescente cristão disposto a fazer isso em Manhattan?”

Alguns jovens eram mesmo crédulos. “Riathamus” disse “tenho 14 e mo-

ro em Indiana e acho q meus pais nao vao deixar pq eh um estranho na internet. mas seria muito legal mesmo". Uma menina que usava o nome "LilLoser" até que tentou ser amistosa:

Duvido que meus pais deixem a nenê deles viajar com um cara que não conhecem e que eu só conheço por e-mail, especialmente por tanto tempo assim e andando de carro com vc por aí e tal... não estou dizendo que vc é um pedófino [sic] esquisito nem nada assim, haha, mas acho que vc não vai arranjar muita gente interessada... pq como eu falei, é uma história bem esquisita... mas olha — boa sorte pra vc nessa missão aí. haha.

A sorte que ela me desejou eu perseguí em vão. Os cristãos pararam de conversar comigo e passaram a conversar entre si, alertando uns aos outros a meu respeito. Enfim um participante do site oficial do Relient K mandou os outros ficarem bem longe de mim e que no fim das contas eu devia ser um "sequestrador de quarenta anos". Pouco tempo depois me conectei e descobri que os moderadores do site tinham removido tanto meu post quanto a discussão interminável e cheia de acusações que se seguiu a ele, sem dar nenhuma explicação. Sem dúvida estavam naquele mesmo instante enviando faxes de alerta a uma rede de mães. Senti calafrios de pavor. Telefonei para o meu advogado em Boston, que me mandou "parar de usar computadores" (o plural é dele).

No fim das contas, a experiência toda me rendeu uma aversão pelo Festival Cross-Over como tema, e decidi recusar a pauta. Bati em retirada.

O problema de uma revista classuda como a *Gentlemen's Quarterly* é que tem sempre um editor-assistente muito esforçado, às vezes chamado Greg, que ainda não foi espancado pelo mundo, e que, quando você telefona para ele, por educação, somente para informar que "o negócio do Cross-Over já era" e que você vai entrar em contato quando "descobrir o que fazer", mergulha na diádica mística conhecida como internet e descobre que o festival ao qual você pretendia comparecer na verdade não era "o maior do país", como você tinha alegado. O maior do país — aliás, de toda a cristandade — é o Festival Creation, lançado em 1979, um genuíno Woodstock de Deus. E ele não acontece no Missouri, mas na zona rural da Pensilvânia, em meio a um vale verde, numa fazenda chamada Ágape. Esse festival não terminou um mês atrás; ele começa

depois de amanhã. Eles já estão se reunindo, às dezenas de milhares. Boa sorte pra você nessa missão aí.

Fiz uma única exigência: que eu não fosse forçado a acampar. Eu precisaria de algum veículo que tivesse um colchão, talvez uma daquelas camas dobráveis. “Certo”, Greg respondeu. “O negócio é o seguinte. Fiz uns telefonemas. Não sobrou nenhuma van num raio de 150 quilômetros ao redor de Filadélfia. Mas conseguimos um trailer para você. É uma motocasa de nove metros.” Assim que eu chegasse ao meu destino, concordamos (ou ele me levou a acreditar que concordou) que eu certamente teria como conseguir alguma coisa mais razoável.

Imagino que nove metros tenham se tornado um comprimento tão comum para motocasas por um simples motivo: quando um veículo fica mais comprido do que isso, você precisa de uma permissão especial para estar ao volante. Isso significaria formulários e taxas, ou até mesmo análises de todo tipo de cadastro. Mas se você aparecer em qualquer locadora de motocasas com as pernas decepadas até as coxas e os tocos amarrados em cima de um skate, acenando loucamente os ganchos que tem no lugar das mãos, gritando que você quer aquela motocasa de nove metros para uma viagem que vai fazer para um lugar que não interessa a ninguém, tudo que eles vão querer saber é: crédito ou débito, pequeno senhor?

Dois dias mais tarde lá estava eu num estacionamento, com a mala aos meus pés. Debbie veio na minha direção. O rosto dela era doce como um bolo de aniversário, emoldurado por um penteado rígido de tanto spray. Ela ergueu um braço poderoso e apontou, antes que qualquer um de nós falasse. Apontou para um veículo que parecia uma coisa abandonada no deserto pelos antigos egípcios.

“Ah, oi”, saudei. “Olha, eu só preciso tipo uma van pra acampar. Vou sozinho, são oitocentos quilômetros...”

Ela ficou me analisando. “Pronde você vai?”

“Pra um negócio chamado Creation. É tipo um festival de rock cristão.”

“Você e todo mundo!”, ela respondeu. “O pessoal que levou nossas vans tá indo presse mesmo lugar. É um bando de gente.”

Seu marido e colega de trabalho, Jack, apareceu — tatuado, atarracado, com um *mullet* grisalho e proclamando seu desdém pelos MapQuest. Ele me

passaria informações de verdade. “Mas primeiro vamos dar uma olhada na criança.”

Circulamos os arredores daquilo que em breve se tornaria o meu mausoléu. Levou um tempo. Toda e qualquer coisa dita por Jack, de algum modo, era a única coisa de que eu precisaria lembrar. Água branca, água cinzenta, água negra (beber, tomar banho, *le devoir*). Aqui está isso, nunca jamais aquilo. Resmungos sobre “amadores”. Eu não conseguia prestar atenção, porque fazer isso significaria aceitar aquilo tudo como realidade, embora a menção casual ao imenso ponto cego no espelho do lado do passageiro tenha conseguido penetrar minhas defesas, bem como a descrição dos “sessenta centímetros a mais de cada lado” — a saliência dos meus aposentos — que eu não conseguia enxergar, mas dos quais deveria “estar consciente” para o meu próprio bem. Debbie nos acompanhou com uma câmera de vídeo, para fins de seguro. Enxerguei meus entes queridos reunidos num cômodo forrado com painéis de mogno para assistir a essa gravação, sendo forçados a me escutar perguntando: “E se eu nunca usar a privada — mesmo assim preciso ligar a água?”.

Jack baixou o degrau e subiu a bordo. Aquilo estava mesmo acontecendo. O interior cheirava a férias arruinadas e gravações de pornografia amadora embrulhadas em cortinas de chuveiro de motel e depois abandonadas ao sol. Fiquei paralisado na entrada por um instante. Jesus nunca tinha entrado naquela motocasa.

Como escolher o que contar sobre minha jornada até o Creation? Você quer saber como é dirigir um moinho de vento sobre rodas pela rodovia expressa da Pensilvânia na hora do rush, com olhos esbugalhados e inquietos e mãos trêmulas; ou sobre o telefonema gargalhante de Greg para “ver como estão as coisas”; sobre ouvir a si mesmo dizendo “não Não NÃO NÃO!”, com um tom de voz agudo de dar vergonha, todas as vezes em que você tenta voltar de uma ultrapassagem; ou sobre pensar que você detectou, por sob o consolo misterioso do barulho do rádio, sons tênues de buzinas, para em seguida conferir o espelho do lado do passageiro e descobrir que você esteve passando por cima do acostamento por um número desconhecido de quilômetros (aqueles sessenta centímetros a mais!) e que a fila de tráfego que se formou atrás de você se estende para além do que é possível enxergar; ou sobre parar na Target

para comprar lençóis, um travesseiro e manteiga de amendoim, mas então ensaiar uma tacada de golfe no corredor de artigos esportivos por 25 minutos cravados, incapaz de parar, sabendo que quando fizer isso a motocasa de nove metros vai continuar onde você a deixou, solitária no estacionamento lateral, esperando que você a conduza pelo resto do caminho até seu destino compar-tilhado?

Ela me levou até lá, como Debbie e Jack tinham prometido, talvez sem acreditarem no que diziam. Onze quilômetros após Mount Union, uma placa anuncia CREATION ADIANTE. O sol se punha; flutuava sobre o vale como um balão de ouro em chamas. Ingressei numa fila bem comprida de carros, caminhões e furgões — e poucas motocasas. Ali estavam eles, me cercando por todos os lados: os crentes. À minha direita havia uma picape com a carroceria abarrotada de garotas adolescentes usando as mesmas camisetas azul-esmalte; gritavam para um garoto de moicano que caminhava ao lado da estrada. Tomei cuidado para não cruzar olhares com elas — quem poderia garantir que não eram as mesmas mocinhas que eu tinha importunado dias antes? A fila de veículos avançou aos solavancos e um velho Datsun cor de laranja surgiu ao meu lado. Fiquei olhando enquanto a motorista baixou o vidro, pôs metade do corpo para fora e soou uma nota longa e clara num chifre de carneiro. Compreendo sua posição ao duvidar disso. Todavia foi isso mesmo que ela fez. Tenho tudo gravado. Ela soprou um chifre de carneiro, com muita perícia, duas vezes. Um rito anual, talvez, para anunciar sua chegada ao Creation.

Minha vez no portão. A mulher olhou para mim, depois olhou para o banco do passageiro vazio e então para toda a extensão da motocasa de nove metros de comprimento. “Seu grupo tem quantas pessoas?”, ela quis saber.

Eu me afastei estupefato, deixando a motocasa de nove metros flutuar. Meu caminho estava atravancado por cristãos empolgados, a maioria com menos de dezoito anos. Os adultos pareciam ser pais ou pastores que não estavam ali sozinhos. O crepúsculo chegava ao ápice, e o ar parado do vale estava tomado pela fumaça das fogueiras. Um rugido enorme se elevou à minha esquerda — tinha acontecido alguma coisa no palco. O som indicava uma multidão. Preencheu o vale e se demorou por ali.

Imaginei que talvez conseguisse entrar sem ser percebido — que a moto-

casa poderia até servir como uma espécie de disfarce — mas eu já estava chamando a atenção. Dois garotos diferentes disseram “tenho pena dele” enquanto eu passava. Outro pulou no degrau do lado do motorista, disse “pelo amor de Deus, cara” e depois saiu correndo. Eu freava a todo momento — até mesmo o ponto morto era rápido demais. O espetáculo que tinha causado o rugido, seja lá qual fosse, tinha chegado ao fim: as estradas estavam engarrafadas. Os jovens fluíam ao meu redor nas duas direções, voltando para as áreas de acampamento, como uma fileira de formigas desviando de algum obstáculo trivial. Tinham um jeito desconcertante de abrir caminho para a motocasa apenas quando meu para-lama dianteiro estava quase raspando nas suas costas. Do meu ponto de observação privilegiado, era como se eles estivessem esperando por um décimo de segundo a mais que o necessário e eu os estivesse separando à força, mas com gentileza, em câmera lenta.

Os estratos evangélicos eram mais ou menos reconhecíveis a partir da minha experiência no colégio, ainda que a aparência geral tivesse ficado perceptivelmente melhor. Muitos estavam vestidos como punks skatistas ou na última moda de East Village (não confessionais); outros eram claramente pobres (batistas rurais ou Igreja de Deus); havia almofadinhas (Young Life, Irmandade dos Atletas Cristãos — o fumo estaria com esses aí). Dava para reconhecer de primeira os sectários mais rígidos, com sua antimoda imutável e os rostos pálidos e taciturnos. Quando mais tarde perguntei a uma mulher qual seria, na estimativa dela, a porcentagem de brancos no público, ela respondeu “mais ou menos 100%”. Avistei uns orientais e uns três ou quatro negros. Todos davam a nítida impressão de terem sido adotados.

Avancei bastante. Não tinha imaginado que aquele negócio se estenderia tanto. Cada nova curva da trilha revelava um novo espaço aberto tomado por tendas e carros; o acampamento tinha se expandido até seus limites fisiográficos, alcançando o sopé das montanhas. É difícil transmitir o efeito sensorial de tanta gente viva se movendo ao ar livre: em parte reunião de família, em parte campo de refugiados. Havia um toque de milícia, mas de um jeito alegre.

Todas as trilhas eram de terra, e nenhuma era muito larga: rodovia Aleluia, rua do Caminho Reto. Tinham me mandado ir até “A”, mas quando cheguei em A dois adolescentes de coletes alaranjados saíram do meio das sombras e me informaram que todas as vagas estavam reservadas. “Deem uma força aqui, caras”, pedi, sacudindo o polegar estendido em sinal de lamento para

indicar a motocasa. Eles sacaram os walkie-talkies. Passou algum tempo. Ficou mais escuro. Então um garoto ainda mais jovem apareceu de bicicleta e acenou com a lanterna, pedindo que eu o seguisse.

Foi um alívio sem tamanho entregar minha vontade própria àquele garoto. Tudo que eu precisava fazer era não perdê-lo de vista. Seu colete irradia um tom oficial convidativo e reconfortante ao ser iluminado pelos meus faróis dianteiros. E talvez por isso eu tenha deixado de perceber em tempo hábil que ele estava me conduzindo até uma ladeira quase vertical — “o Morro acima de D”.

Em retrospecto, não sei dizer o que surgiu primeiro: o tilintar na minha espinha alertando que a motocasa tinha assumido um grau de inclinação para o qual não havia sido projetada ou a consciência nauseante de que tínhamos começado a escorregar. Eu tirei a bunda do assento e enterrei o pé no acelerador. Ouvi gritos. Mandei ver no freio. Tateei com mão e pé esquerdos em busca do freio de mão (será que a detalhada sessão passo a passo de Jack não tinha mencionado sua localização?). Estávamos perdendo tração; a motocasa começou a estrebuchar. O medo surgiu nos olhos do meu pequeno guia.

Eu contava com esse momento, é claro. Sabia que aqueles nove metros se voltariam contra mim. Isso nós dois tínhamos entendido desde o princípio. Mas preciso confessar que nunca imaginei que a fome de morte da motocasa se provaria tão extrema. Disposto à minha frente e às minhas costas estava literalmente um campo inteiro de cristãos, tostando pães e tocando violões, praticando o companheirismo. A fotografia aérea nos jornais mostraria uma longa cicatriz, uma carreira ceifada através daquela pacífica aldeia de tendas. E pensar que aquela psicopata gigante obraria seu vil desígnio através da agência de uma criança — uma criança inocente, ainda que absurdamente confusa...

Minha lembrança dos cinco segundos seguintes é indistinta, mas sei que uma cabeça masculina imensa e perfeitamente quadrada surgiu no para-brisa. Era loira e usava óculos. Tinha olhos esbugalhados e um sotaque chaceriano da Virgínia Ocidental, e disse bem rápido que eu deveria dar “TUDINHO DE SÍ” enquanto pisava no freio. Algum ramo do meu córtex motor obedeceu. A motocasa derrapou um pouco e em seguida parou. Então a mesma voz disse: “Certo, agora pisa no acelerador no três — um, dois...”.

A motocasa começou a subir — devagar, como se estivesse sendo puxada por uma roldana. Algumas criaturas de poder inacreditável estavam empurrando. Logo estávamos na horizontal, no topo do morro.

Eram cinco, todos com pouco mais de vinte anos. Permaneci dentro da motocasa de nove metros; eles se reuniram no lado de fora. “Obrigado”, falei.

“Ah, que é isso”, gritou de volta Darius, o mesmo que tinha dado as ordens. Falava muito rápido. “A gente está fazendo isso o dia todo — não sei por que esse moleque fica trazendo as pessoas pra cá — somos da Virgínia Ocidental — olha só, ele é retardado — tem um terreno vazio bem ali.”

Olhei para trás e para baixo até enxergar o que ele estava apontando: um pasto.

Jake deu um passo à frente. Também era loiro, mas mais esbelto. E bonito, de um modo selvagem. Seu rosto estava coberto por uma penugem tão clara quanto seu cabelo. Informou que era da Virgínia Ocidental e me perguntou de onde eu era.

“Nasci em Louisville”, respondi.

“Sério?”, disse Jake. “Fica no rio Ohio?” Como Darius, ele respondia e falava bem rápido. Confirmei que sim, de fato ficava.

“Bem, conheci um cara que morreu e era de Ohio. Sou bombeiro voluntário, sabe. Bem, ele capotou uma Chevy Blazer nove vezes. Ficou espalhado daqui até aquela ponta ali. Tava mortinho da silva.”

“E vocês, quem são?”, perguntei.

Ritter respondeu. Era grande, um desses gordos que na verdade não têm gordura nenhuma, agente penitenciário e — como eu logo ficaria sabendo — ex-atleta peso pesado de luta livre. Conseguia estourar um abacaxi no sovaco gargalhando (ou assim me parecia). Corte de cabelo: militar. Bigode: util. “Somos só uns caras da Virgínia Ocidental em chamas por Cristo”, ele disse. “Sou o Ritter, esses são Darius, Jake e Bub e aquele é o Josh, irmão do Jake. Pee Wee tá aqui por perto.”

“Atrás de rabo de saia”, Darius completou com desdém.

“Então vocês têm só ficado por aí, salvando vidas?”

“A gente é da Virgínia Ocidental”, Darius repetiu, como se talvez imaginasse que eu era meio tapado. Ele era o que costumava falar mais pelo grupo. A mandíbula projetada para a frente por conta do fumo de mascar que ele mantinha ali o fazia soar meio agressivo, mas senti que certamente era só um cara tenso.

“Olha”, disse Jake, “bem, nosso acampamento fica bem ali.” Com um menor de cabeça, indicou um carro, um caminhão, uma tenda, uma fogueira e

uma cruz bastante alta feita de lenha. E aquela outra coisa seria... um sistema de alto-falantes?

“A gente ficou aqui nesse canto no ano passado”, disse Darius. “Rezei por isso. ‘Deus’, eu pedi, ‘eu, tipo, queria muito ficar de novo naquele canto — se isso for a Sua Vontade, sabe’.”

Eu tinha imaginado que meus dias no Creation seriam bem solitários e se encerrariam com minha morte num assassinato ritual. Mas esses caras da Virgínia Ocidental eram muito calorosos. O calor fluía deles. Perguntaram o que eu fazia, se eu gostava de chá de sassafrás e quantas pessoas tinham vindo comigo na motocasa. E também conheciam um cara que tinha morrido de um jeito horrível e que era de um estado com o mesmo nome do rio que fica perto de onde cresci, e eu não sou o tipo de sujeito que questiona essas coisas.

“O que vocês vão fazer mais tarde, caras?”, perguntei.

Bob era baixo e sólido; cada uma das mãos dele parecia tão forte quanto um compactador de lixo. Tinha a pele mais escura que os outros — era bem moreno — com cabelo castanho sob um chapéu camuflado, olhos castanhos e um bigode escuro e bem cheio. Mais tarde ele me confidenciaria que os amigos viviam comentando que ele devia ter algum antepassado “escurinho”. Foi a expressão que ele usou. Era tímido e parecia sempre estar muito concentrado em alguma coisa. “Eu e o Ritter vamos ouvir um pouco de música”, ele informou.

“Qual banda?”

Ritter respondeu: “Jars of Clay”.

Eu tinha lido sobre eles; eram bem famosos. “Por que vocês não passam no meu trailer quando estiverem a caminho, para eu ir com vocês?”, sugeri. “Vou estar bem ali, naquele campo totalmente vazio.”

Ritter disse: “Olha que a gente vai fazer isso mesmo”. Aí todos fizeram fila para apertar minha mão.

Enquanto esperava por Ritter e Bob, me deitei na cama e li o *The Silenced Times* com ajuda da lanterna. Era um jornalzinho que vinha com meu kit do festival. Não era bem um jornalzinho; era um material publicitário de *Silenced*, novo romance de Jerry Jenkins, uma das mentes por trás da série multimilionária *Left Behind* — com mais de uma dúzia de livros até agora, todos falando

a respeito do que vai acontecer com sujeitos como eu depois do Arrebatamento. Esse livro novo era futurista, passado em 2047. O jornalzinho exibia a seguinte data: 2 de março de 38. Sacou? Trinta e sete anos se passaram desde que Jesus foi apagado da história. *The Silenced Times* tinha supostamente sido criado para se parecer com um jornal desse tempo vindouro.

Era um negócio bem sinistro. No ano 38, um antigo culto assassino tinha se espalhado como um vírus e tomado conta dos “Sete Estados Unidos da América”. Os adeptos se reúnem em “células” (boa sacada: um pouco do velho vocabulário comunista); alistam os jovens e buscam a hegemonia global enquanto tentam apressar o fim do mundo. No ano 34 — quando foi realizado o último censo — 44% da população declarou fazer parte do grupo; a essa altura o número já chega quase à metade. Isso eclipsa o número de membros de qualquer outro movimento religioso. Até mesmo o presidente (que eles se mobilizaram para eleger) foi convertido. O canal de notícias mais popular do país apoia abertamente o presidente e suas políticas; e o filme mais comentado do ano é pura propaganda do culto, mas numa reviravolta sombria e brilhante, a maior parte da população foi convencida de que a mídia na verdade é controlada por...

Espera aí! Pensei. Isso tudo está acontecendo na vida real. Isso é o movimento evangélico. E ainda assim *The Silenced Times* descreve cristãos sendo atirados na cadeia, forçados a uma existência clandestina, tendo panfletos confiscados. Um cara recebe um prêmio por dedurar a irmã, que liderava um grupo de estudos bíblicos no campus. Gostei especialmente da parte em que ficamos sabendo que as forças antirreligiosas enfim encontraram o próprio Jenkins — dentro de uma caverna. Ele tem 97 anos mas nunca parou de digitar, e ao ser arrastado para fora vocifera trechos das Escrituras.

Ritter bate na porta. Ele e Bub estavam prontos para escutar um pouco de *Jars of Clay*. Depois que anoteceu se acenderam mais fogueiras; o vale inteiro estava perfumado. E o céu parecia uma lamparina metálica cheia de furinhos — milhares de estrelas tinham surgido. Havia tantas almas a caminho do palco que era difícil caminhar, ainda que eu tenha percebido que a multidão tendia a abrir caminho para Ritter. Ele meio que se inclinava para trás, olhando por sobre as cabeças das pessoas como se esperasse enxergar algum amigo. Perguntei sobre a igreja dele na Virgínia Ocidental. Ritter respondeu que ele e o resto dos caras eram pentecostais, com o negócio de dom de línguas e a coisa toda

— menos Jake, que era batista. Mas todos eles frequentavam a mesma “catoria” — um estudo bíblico semanal na casa de alguém, com comida e violões. Será que Ritter achava que todo mundo ali era cristão?

“Não, alguns não devem ter sido salvos. Com tanta gente, não tem como ser diferente.” E o que ele sentia a respeito disso?

“Abre mais oportunidades para dar testemunhos”, ele disse.

Bub parou de repente — um sinal de que desejava falar. A multidão fluui ao nosso redor por um minuto enquanto ele escolhia as palavras. “Tem judeus por aqui”, disse.

“Sério?”, perguntei. “Está falando de judeus de verdade?”

“Isso”, Bub confirmou. “Aquelas meninas que apareceram com o Pee Wee. Elas são judias. Que legal.” Ele riu sem mexer o rosto; a risada de Bub era um fenômeno puramente vocal. Teria marejado os olhos?

Começamos a caminhar.

Suspeito que em algum nível — o consciente, digamos — eu não queria perceber o que percebia enquanto seguíamos adiante. É que compareci a diversos eventos públicos de grande porte em todo este país nos últimos cinco anos, escrevendo sobre esportes ou sei lá o quê, e uma coisa que todos tinham em comum era esse ar de inimizade implícita e esquisita que os homens americanos, em especial, parecem carregar consigo na maior parte do tempo. Se quiser achar que isso é uma generalização risível, tudo bem, mas se você passar um número suficiente de finais de tarde em ajuntamentos no interior de estádios, vai sentir isso também. É uma coisa mais sinistra que mero machismo. Algo um tanto ferido, um tanto desdenhoso, e bem no ponto para todo tipo de coisas horríveis. Ali, essa coisa não existia. Simplesmente não existia. Procurei por ela e não consegui encontrar. Nos três dias que passei no Creation eu não vi nenhuma briga, não escutei nenhuma palavra pronunciada com raiva, não me senti ameaçado em momento algum, nem de leve, e na verdade conheci várias pessoas dotadas de uma gentileza excepcional. Sim, eram todas da mesma raça, todas acreditavam na mesma coisa e ninguém estava bebendo, e ao mesmo tempo também eram 100 mil pessoas.

Estávamos passando por uma fila de banheiros químicos, perto das barraquinhas de comida. Quando viramos uma esquina, enxerguei um canto do palco. E a multidão no morro que ficava de frente para o palco. Os corpos se estendiam até se fundirem com a escuridão. “Puta merda”, falei.

Ritter gesticulou como um organizador de eventos. Então disse: “Isto, meu amigo, é o Creation”.

No bis, Jars of Clay tocou um cover de “All I Want is You”, do U2. Num estilo meio blues.

Isso é a última coisa que vou falar sobre as bandas.

Ou não, espera aí, tem mais uma coisa: o fato de não ter escutado nem um mísero compasso interessante de música tocado pelos cerca de quarenta conjuntos que ouvi ou assisti no Creation não deveria ser lido como uma crítica às bandas em si, muito menos como desprezo pela noção subjacente de cristãos tocando rock. Aquelas não eram bandas cristãs, veja bem; eram bandas de rock cristão. A chave para entender essa cena repousa nesta breve distinção. O rock cristão é um gênero que existe para edificar e ganhar dinheiro de cristãos evangélicos. É música com uma mensagem para ouvintes que conhecem a mensagem de cor e, além disso, opera sob uma suposta responsabilidade — abraçada pelos artistas — de “tocar as pessoas”. Como tal, favorece obviedade e palatabilidade máximas (os artistas chamariam de clareza), que por sua vez significa parasitismo. Lembra daqueles dispensadores de perfume que antigamente você encontrava nas farmácias — “Se você gosta de Drakkar Noir, vai amar Sexy Musk”? Bem, é assim que funciona o rock cristão. Toda banda secular vagabunda bem-sucedida tem a sua versão cristã, e isso faz sentido, porque culturalmente falando se espera que ela sirva como substituta, em vez de uma alternativa ou versão melhorada, dessas mesmas bandas. Nisso, o rock cristão é maravilhosamente bem-sucedido. Se você acha que isso é uma porcaria sem tamanho, é porque suas prioridades não são as mesmas do rock cristão; você quer ouvir coisas novas e interessantes, o rock cristão quer tocar coisas comprovadas para agradar... enquanto Jesus Cristo é louvado. Rock cristão é isso. Uma banda cristã, por outro lado, é apenas uma banda com mais de um cristão na formação. U2 é o protótipo delas, saudado por crentes e não crentes, mas houve outras no decorrer dos anos, bandas sobre as quais as pessoas comentavam: “Sabia que esses caras são cristãos? Eu sei — é bizarro. Mas a banda continua muito boa”. The Call era assim; Lone Justice era assim. Hoje em dia você ouve isso sobre bandas *indie* como Pedro the Lion e Damien Jurado (ou gente de quem nunca ouvi falar). Na maioria dos casos, bandas como essa

tomam muito, muito cuidado para não serem vistas como bandas de “rock cristão”. É acima de tudo uma questão de escolha de palavras: não diga ao entrevistador que você se converteu; diga que a fé é uma parte importante da sua vida. E é aqui, e vou logo parar de fingir que tenho a mente aberta, que entra o problema mais cabeludo de se ter alguma qualidade, porque uma questão que precisa ser levantada é a seguinte: será que um cristão devoto, ao completar dezenove anos e se descobrir capaz de escrever canções de primeira linha (alguém como Damien Jurado), estaria disposto a ter qualquer relação com rock cristão? O talento costuma vir de mãos dadas com certa quantidade fundamental de sutileza. E acredite se quiser, mas às vezes o establishment do rock cristão manifesta uma espécie de aprovação resignada sobre a maneira como grupos como U2 ou Switchfoot (que tocou no Creation enquanto eu estava lá e fazia um sucesso brutal nas rádios mundanas na época com a música “Meant to Live”, mas cujo empresário não permitia que fossem fotografados em cima do palco) se esforçam discretamente para se afastar de qualquer manifestação inequívoca de amor a Jesus, reconhecendo que evitar isso é a maneira mais garantida de se conectar com o mundo (você sabe que é assim que eles se referem a nós, certo? Nós somos “do mundo”). Então é possível — e de fato parece provável — que o rock cristão seja um gênero musical, o único que me vem à mente, que se blindou contra a excelência.

Estava tarde, e os judeus tinham semeado a discórdia. Bub tinha falado a verdade: havia judeus no Creation. Duas colegiais de Richmond, ambas de uma beleza espantosa. Veio à tona que pertenciam aos Judeus de Jesus. Estavam sentadas perto da fogueira — uma delas de mãos dadas com Pee Wee — quando Bub, Ritter e eu voltamos depois de assistir ao Jars of Clay. Pee Wee era mais jovem que os outros caras, magrinho e bonito, e encarava as garotas com admiração quando conversava. Em dado momento elas disseram a Ritter que ele arderia no inferno por ter tatuagens (ele tinha duas ou três); o povo delas acreditava nisso. Ritter não recebeu muito bem essa notícia. Tinha muita confiança em sua posição entre os eleitos. Houve um debate; Pee Wee foi obrigado a escoltar as garotas de volta às suas barracas, enquanto Darius cuidava de acalmar Ritter. “Elas podem ter ideias esquisitas”, disse, “mas todos adoramos o mesmo Deus.”

A fogueira tinha queimado até sobrar só carvões em brasa, e agora sobravam apenas nós, homens, sentados sobre *coolers*, entretidos com uma conversa de fim de noite sobre hermenêutica. Bub não entendia como Deus podia ter mudado de ideia, como Ele podia ter dito todas aquelas coisas malucas no Velho Testamento — coisas do tipo não faça tatuagens nem olhe para seu tio nu — para depois desdizer tudo no Novo.

“Encare desta forma”, sugeriu. “Se você fizer algo que deixe o Darius muito irritado, e ele ficar furioso com você, mas em seguida você fizer alguma coisa para se desculpar e acabar sendo perdoado por ele, isso não significa que Darius mudou de ideia. É a mesma coisa com a antiga e a nova aliança, exceto que foi Jesus quem cuidou da parte de se desculpar.”

Bub pareceu satisfeito com essa explicação. “Nunca tinha ouvido alguém falar sobre isso desse jeito”, disse. Mas Darius me encarou com olhos penetrantes do outro lado da fogueira. Ele sabia que minha conversa tinha fundamento teológico e estava se perguntando de onde eu tinha tirado aquilo. Até então os caras tinham passado a noite inteira driblando com elegância a pergunta sobre minhas crenças pessoais — “onde estava meu caminho”, como eles diriam.

Àquela altura conhecíamos razoavelmente bem uns aos outros. Assim que Pee Wee voltou, eles me apresentaram o acampamento com entusiasmo. A maioria das barracas ficava perto do mato, onde não deveriam estar; o ar era mais frio por ali. Darius tinha localizado um riachinho a uns trinta metros de distância e, com as mãos, escavado um poço raso. Isso fornecia água potável a eles.

No fim das contas aqueles caras passavam boa parte do ano no mato, para não dizer o ano quase inteiro. Viviam de caça — como é o costume das pessoas, segundo eles, em sua parte do condado de Braxton. Conheciam todas as plantas da floresta, quais eram comestíveis, quais curavam o quê. Darius sacou um pedaço grande de papelão dobrado ao meio. Abriu bem debaixo do meu nariz: um monte de raízes de sassafrás. Bafejou a fragrância de alcaçuz negro sobre meu rosto e me fez comer uma delas.

Então comentou que apostava que eu gostava de maconha. Retruquei que talvez eu não gostasse. “Eu amava esse negócio”, ele confessou. Ao ver minha surpresa, completou: “Cara, pra falar a verdade eu nem fui preso por causa disso. Mas é uma coisa socialmente inaceitável, e isso atrapalhava meu crescimento como cristão”.